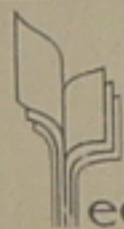


A DESCOBERTA DE ÁFRICA

Organizado por
CATHERINE COQUERY-VIDROVITCH



edições 70

BIBLIOTECA DE ESTUDOS AFRICANOS



a fome, uma vez que aguentam um dia inteiro comendo apenas uma escudela de farinha de milho.

Os Portugueses capturavam-nos e vendiam-nos como sendo os melhores escravos de toda a terra dos negros. Mas de há um certo tempo para cá, a paz foi restabelecida e apenas se faz comércio de mercadorias; o senhor Infante já não permite mais surtidas nem que se cometam danos, pois tem a esperança de que com o convívio familiar e amável dos cristãos eles se convertam à nossa fé, tanto mais que ainda não estão muito firmes na lei e na doutrina maometana, segundo ouvi dizer.

Estes Azanagas têm uma estranha maneira de vestir; usam um pano enrolado na cabeça e deixam cair uma ponta sobre o rosto, com a qual cobrem a boca e parte do nariz; dizem que a boca é uma coisa repugnante que chegam a comparar com a menos honesta das partes vergonhosas e portanto essas duas partes devem andar cobertas. Entre eles não existem senhores, excepto aqueles que ultrapassam os outros em riqueza, que são mais honrados e mais obedecidos pelos outros, pobres criaturas que roubam mais do que todos os outros homens e são tratados como tal. A sua estatura é vulgar e são magros, têm o cabelo crespo a cobrir-lhes os ombros, parecido com o dos alemães mas em negro, e todos os dias o untam com peixe, o que lhes dá um cheiro nauseabundo que, no entanto, consideram muito agradável ⁽⁵⁾.

A costa da Guiné

O Senegal

Em 1445, chegava-se à foz do Senegal; dez anos mais tarde, Cadamosto, senhor veneziano ao serviço do rei de Portugal, visitou a costa da qual deixou esta pitoresca descrição:

O rio e o reino

Acerca do grande rio chamado a ribeira de Senéga antigamente chamado Níger e de como foi encontrado.

Desde que ultrapassámos o cabo Branco, navegámos sempre à vista deste último até ao rio que se chama Senéga, que é o primeiro e o maior de toda a terra dos negros; e entrámos por essa

⁽⁵⁾ A. Cadamosto, 1457, *Relation de voyages à la Côte Occidentale d'Afrique*, publicado por Ch. Schefer, Paris, 1895, pp. 49-51.

costa em que aquele rio separa os negros dos morenos conhecidos por Azanagas, dividindo de modo semelhante a terra seca e árida (que é o deserto já referido) do país fértil dos negros.

Este rio é grande, a sua foz tem mais de uma milha de largura, é bastante profundo e apresenta ainda outro braço com uma ilha no meio. Assim, desagua por dois lados, em cada um dos quais existem vários bancos de areia e vagas fortes que fazem sentir os seus efeitos pelo mar dentro; e nesse lugar a maré sobe e vaza de seis em seis horas, e a maré-cheia faz-se sentir numa extensão de sessenta milhas de rio, segundo me disseram os Portugueses, que frequentaram durante muito tempo aquelas paragens. E quem quiser entrar nele tem que navegar segundo a ordem das águas, por causa dessas vagas que existem na foz do rio, que fica a uma distância de 380 milhas do cabo Branco. E parece-me muito estranho e admirável que a partir desse rio todos os povos sejam muito negros, grandes, gordos, altos, bem constituídos, o país verdejante, com muitas árvores e fértil; e do lado de cá desse rio, os habitantes são magros, de pequena estatura e o país é seco e estéril. Este rio (segundo a opinião de muita gente) é um braço do Gion que tem a sua origem no paraíso terrestre e foi chamado Níger pelos antigos; este Gion que banha toda a Etiópia, ao aproximar-se do mar Oceano a Ocidente (onde desagua), divide-se em vários braços e rios, entre os quais o de Senéga. Outro braço deste mesmo rio é o Nilo que passa pelo Egipto e se junta ao nosso mar Mediterrâneo.

O país destes negros junto do reino de Senéga é o primeiro reino dos negros da Baixa Etiópia, e os povos que habitam nas suas margens chamam-se Gilofes [*Uolof*]. Segundo me disseram, este reino de Senéga confina do lado do nascente com um país chamado Tuchulor [*Tucolor*], do lado do sul com o reino de Gâmbra [*Gâmbia*], a ocidente com o mar Oceano e do lado da tramontana junta-se com o rio já citado.

O sistema tribal

Quando cheguei àquelas regiões, o rei de Senéga chamava-se Zucholin e teria uns vinte e dois anos de idade; não se pode aspirar à sucessão deste reino por direito hereditário. Mas há senhores que, espicaçados por vezes pela cobiça dos seus domínios, se reúnem aos três e aos quatro e criam um rei à medida da sua fantasia, dando-lhe um título nobre, nas mãos do qual o governo permanece enquanto isso aprouver aos senhores e consoante o bom tratamento que ele lhes dispensar; de tal maneira que há alguns que, após se tornarem reis, aumentam tanto as suas forças e adquirem tanto poder que passam a dispor de meios para se defender contra todos

aqueles que se declararem seus inimigos. Assim, o domínio não é estável nem garantido como o do Sudão do Cairo, mas aquele que o possui permanece sempre sob a ameaça da morte ou da expulsão do seu reino.

Este não é comparável aos da nossa Cristandade, pois aqueles reinos são habitados por pobres criaturas selvagens; não existe ali nenhuma cidade, mas apenas aldeias com casas de palha, pois eles desconhecem a arte de as fabricar em pedra, porque não têm cal e são incapazes de fazer tijolos.

O reino é igualmente de pequena extensão, pois não se prolonga por mais de 200 milhas de costa e a largura é sensivelmente a mesma, como já informei.

O rei não tem o rendimento dos impostos assegurado; mas os senhores, para se conservarem nas suas boas graças, oferecem-lhe de presente, todos os anos, alguns cavalos, que são muito procurados, pois o seu número é escasso; e encontramos aí algum gado tal como vacas e cabras e há legumes, milho e outras coisas semelhantes. Este rei vive ainda da captura de escravos, tal como os vizinhos, dos quais se serve de várias maneiras, sobretudo para cultivar os seus domínios; além disso, vende um grande número deles aos Azanagas e mercadores árabes, que levam para os mercados cavalos e outras coisas. Fornece também os cristãos desde que eles começaram a procurar mercadoria naqueles territórios.

A poligamia

E é-lhe permitido ter tantas mulheres quantas desejar, o que também fazem os senhores e os simples súbditos que dispõem de meios para as sustentar. Assim, este rei possui trinta ou mais, mas umas gozam de maior consideração que outras, consoante a nobreza da sua raça e o poder dos senhores seus pais.

É assim que ele age em relação às suas esposas: há aldeias onde possui dez ou doze, e outras tantas noutros lugares, estando cada uma delas alojada numa casa à parte e separada das outras, com um certo número de aias que recebem ordens para as servir, e uma certa quantidade de escravos para cultivar as terras e domínios que lhes são dados por este senhor, a fim de que possam, com o usufruto dessas propriedades, viver duma forma adequada à sua condição. Possuem, além disso, uma certa quantidade de gado, tal como vacas e cabras, para seu uso pessoal, que é tratado pelos escravos e assim semeiam, colhem e vivem. E quando o rei pretende deslocar-se a qualquer das suas aldeias não necessita de nenhum vivandeiro, pois não transporta consigo alimentos nem qualquer outra coisa, pois as mulheres que permanecem nos lugares para onde se dirige tratam dele e de toda a sua comitiva. Assim,

cada uma delas, todas as manhãs, quando nasce o Sol, prepara três ou quatro iguarias, umas de carne e outras de peixe, juntamente com pratos de carne mouriscos, ao gosto deles, que enviam pelos seus escravos ao rei; desta maneira, em menos duma hora, este recebe quarenta ou cinquenta refeições. E quando o senhor tem vontade de comer, encontra as carnes já preparadas, sem precisar de se preocupar com isso; serve-se do que acha a seu gosto e deixa o resto para a comitiva. Dessa forma, o rei anda dum lado para o outro, dormindo aqui e ali, ora com uma ora com outra das suas mulheres, de tal forma que elas concebem grande número de filhos. Efectivamente, logo que sabe que uma delas se encontra grávida, nunca mais lhe toca nem a procura, costume que é igualmente seguido por todos os nobres do país ⁽⁶⁾.

A religião dos negros: Islão no Senegal...

A fé muçulmana é observada por estes primeiros negros tão rigidamente como pelos mouros brancos. Os senhores conhecem o pensamento dos muçulmanos porque junto deles existem árabes (que encontrámos a vaguear por essas regiões) que lhes dão os preceitos e lhes ensinam que ficaria mal a um nobre poderoso não possuir o conhecimento das leis e ordens do Senhor e levar uma vida semelhante ao reles povo que ignora todas as regras; mas fazem-no com mais frieza desde que travaram conhecimento e adquiriram familiaridade com os cristãos ⁽⁷⁾.

...Animismo na Gâmbia

Pelo que vimos e também pelo que nos contaram quando lá estivemos, esses povos são idólatras de várias maneiras, pois acreditam nos feitiços e encantamentos e em várias obras diabólicas que imitam e põem em acção. Mas todos reconhecem um deus. Essa gente pratica em diversos lugares sem nunca ficar em casa, porque os pagãos não sabem fazer nada ⁽⁸⁾.

A guerra

Muitas vezes, esses senhores dos Negros lutam uns com os outros e, mais frequentemente ainda, atacam os seus vizinhos; mas

⁽⁶⁾ A. Cadamosto, 1457, *Relation de voyages à la Côte Occidentale d'Afrique*, pp. 68-73 (extractos).

⁽⁷⁾ *Ibid.*, p. 79.

⁽⁸⁾ *Ibid.*, p. 164-165.

combatem a pé, pois há poucos cavalos que não poderiam sobreviver por causa do calor excessivo.

Usam, como armas ofensivas, azagaias, semelhantes a um dardo leve, que têm uma ponta de ferro rodeada de pequenos arpões ou ganchos colocados muito perto uns dos outros e de uma forma subtil, de diversas maneiras, para que, ao retirá-la por onde entrou, a carne fique toda rasgada, o que torna essa arma muito perigosa. Usam, além disso, duas espadas mouriscas, com a forma de uma cimitarra turca, feita simplesmente de ferro, sem aço à mistura. Efectivamente, eles só têm o ferro que lhes é trazido do reino negros que fica situado do outro lado; as suas armas são de ferro, mas eles não sabem escolhê-lo nem distingui-lo nas minas. Mas não possuem aço, e, se este existe juntamente com o ferro, não têm maneira de extraí-lo.

Os costumes

Estes povos andam quase sempre sem qualquer espécie de roupa a cobri-los, excepto uma pele de cabra cortada em forma de calções que usam para esconder as partes secretas. Mas os senhores e as autoridades usam camisas de algodão; este país produz grande quantidade dessa matéria, que as mulheres fiam e com a qual fabricam tiras com a largura de um palmo, medida que não conseguem exceder porque não sabem fabricar os pentes para tecer. Assim, precisam de juntar quatro ou cinco dessas tiras para fazer uma peça mais larga. As camisas deles chegam até meio das coxas e as mangas, muito largas, não ultrapassam metade do braço.

Costumam usar, além disso, calças desse mesmo tecido que vão desde a cintura até à canela; como são cosidas ao atravessado, formam muitas pregas por causa da sua simples largura e altura, de forma que parece que trazem um saco à frente e outro atrás, que cai como se fosse uma cauda, o que é a coisa mais incómoda e ridícula do mundo.

As mulheres, tanto as casadas como as outras, andam nuas da cintura para cima, e da cintura para baixo cobrem-se com um pano feito dessas tiras de algodão, enrolado à volta do corpo, que lhes chega até meio da perna; e andam todos descalços, sem nada na cabeça, excepto os cabelos que penteiam em tranças, engenhosamente dispostas e atadas de diversas maneiras...

A comida, nessas paragens, é muito salgada, sem qualquer semelhança com a de gente civilizada; e, quando os vemos manejar instrumentos a que não estão acostumados, achamo-los muito simples de espírito e pouco ardilosos; mas nem por isso se mostram pouco hábeis, depois de os ensinarmos.

Esta gente é muito faladora e tem sempre uma resposta na ponta da língua; de resto, é terrivelmente mentirosa e embusteira, mas caridosa em extremo, pois não deixam nenhum estranho ir-se embora sem lhe dar de comer e de beber, ou então albergam-no por uma noite sem nada lhe pedir em troca.

A agricultura

Neste reino de Senegal nem em nenhuma outra terra para além dele cresce trigo, centeio, cevada, aveia ou vinha, pois o país é quente em extremo; além disso, durante nove meses do ano, desde Outubro a fins de Junho, não cai uma gota de chuva, o que impede a terra de produzir trigo, facto que as populações constatarem ao semear aquele que compraram aos outros cristãos. Na falta disso, possuem toda a espécie de milho, grosso e miúdo, favas e outros legumes, dos maiores e mais belos do mundo. A fava naquelas paragens é grande, com várias cores como se fosse pintada, o que a torna muito agradável à vista. Há-as de um vermelho vivo e outras brancas e muito bonitas.

Para trabalhar no campo, fazem filas de quatro ou cinco e atiram a terra para a frente ao cavar, ao contrário da nossa gente que puxa a terra para si; e só metem quatro dedos na terra, que é rica e gordurosa e faz germinar e produzir tudo o que se semeia.

Bebem água, leite ou vinho de palma, um licor destilado de uma árvore semelhante à que produz tâmaras, mas que não é a mesma; existem grandes quantidades dessa árvore donde se tira o referido licor (a que os negros chamam *mignol*). Abrem no pé da árvore quatro ou cinco buracos, por onde sai uma água acinzentada parecida com o soro, e colocam por baixo deles garrafas para onde o líquido escorre em pequena quantidade, isto é, o suficiente para encher quatro garrafas por dia; é muito saboroso e embebedado, tal como o vinho, se não for misturado com água. Logo a seguir à colheita é tão suave como o melhor vinho do mundo, mas perde essa característica de dia para dia, tornando-se cada vez mais forte, de tal forma que é melhor bebê-lo no terceiro ou quarto dia do que no primeiro. Bebi esse licor muitas vezes enquanto permaneci na região, e parecia-me mais saboroso e requintado que os nossos. Não é tão abundante que se possa beber em quantidade; há que usar de moderação, principalmente as pessoas importantes; mas as árvores são comuns pois eles desconhecem as vedações que utilizamos nos nossos jardins e nas vinhas.

Além disso, existe uma espécie de óleo, com que eles temperam a comida: no entanto, não consegui apurar donde ele é extraído, embora saiba que possui três particularidades: cheira a

violetas, tem um sabor semelhante ao das nossas azeitonas e uma cor parecida com a do açafrão, quando é puro e sem defeito.

Um mercado local

Fui a um mercado e feira perto do sítio onde me encontrava instalado, que se realizava num campo às segundas e sextas-feiras, dias em que o visitei por duas ou três vezes. Reuniam-se ali homens e mulheres que vinham de cinco ou seis milhas em redor. Aqueles que moravam mais longe, iam a outros.

Dirigi-me lá para tentar encontrar ouro, mas achei-o muito mal fornecido de tudo. Podemos avaliar a grande pobreza que reina entre aquele povo pelas coisas que há para vender e que são as seguintes: algodão (mas em pequena quantidade), fios e tecidos de algodão, legumes, óleos, milho, conchas de madeira, esteiras e todos os objectos de que aquela gente se serve habitualmente; as mulheres fazem negócio tal como os homens, que vendem também armas e pequenas porções de ouro, trocando o que levam por outras coisas e não por dinheiro, cujo uso desconhecem, tal como o de qualquer espécie de moeda: mas trocam uma coisa por outra, ou duas por uma, ou três por duas.

O acolhimento dispensado aos Portugueses

Os negros, tanto homens como mulheres, acorriam todos para me ver, como se se tratasse de uma grande maravilha, pois parecia-lhes muito extraordinário estarem perante um cristão, de que nunca tinham ouvido falar. Não se espantavam menos com a brancura da minha pele e das minhas roupas, que lhes causaram uma grande admiração, pois eu ia vestido à espanhola. Alguns mexiam-me nas mãos e friccionavam-me os braços com saliva, para ver se a minha brancura provinha de qualquer pintura ou se a carne era mesmo assim. Quando verificavam isso, ficavam muito espantados.

Há várias coisas que despertam a admiração dos homens, entre elas a velocidade dos tiros de besta e, mais ainda, o terrível som da artilharia, o que constatei quando vários negros foram ao nosso navio e eu mandei disparar uma vez, o que lhes provocou um terror maravilhado: ficaram ainda mais espantados quando lhes disse que o canhão podia derrubar e matar mais de cem homens. Não conseguiam convencer-se que não se tratava de algo diabólico. O som da gaita de foles que um dos marinheiros tocou a meu pedido, também lhes causou uma admiração profunda e eles pensaram,

por certo, que era qualquer animal vivo que produzia aquela diversidade de sons.

Também os maravilhavam os nossos barcos e todos os seus elementos, tais como os mastros, as velas, as vergas e o cordame; e pensavam que os olhos que existem na proa do navio eram olhos naturais, que serviam para o barco se orientar no mar, que nós éramos magos e quase comparáveis a diabos, uma vez que eles só com grande dificuldade se moviam de um lado para o outro, ao passo que nós tínhamos a coragem de nos expormos ao perigo das ondas impetuosas do mar, que, segundo ouviam dizer, eram algo de grande e maravilhoso.

Ora, o que estava na origem dessa opinião tão obstinada era o facto deles não terem qualquer conhecimento da arte de navegar, do mapa ou da calamita ⁽⁹⁾. Também os espantou muito ver arder uma vela, pois naquelas paragens a única luz que existe é a da fogueira, o que os fez considerar a vela a coisa mais linda que já haviam conhecido. E, no entanto, naquele país o mel é muito abundante, e juntamente com ele aparece a cera, mas eles chupam-no e deitam fora esta. Assim, comprei um favo de mel a um deles e mostrei-lhes a maneira como se separa a cera do mel; depois mandei fazer velas na presença deles e acendi-as, o que lhes causou grande admiração e os levou a dizer que o saber assentava em nós, os cristãos ⁽¹⁰⁾.

Na Gâmbia: o início da troca

Quando navegávamos rio acima, víamos as pirogas que nos seguiam de longe e através de sinais mostrámos aos que as conduziam alguns tecidos de seda negra e outros objectos, garantindo-lhes que se podiam aproximar com segurança e que lhes daríamos aquilo que tínhamos, pois éramos gente tratável e humana. Isso deu-lhes coragem e a pouco e pouco foram-se chegando ao pé de nós, abandonando a atitude de desconfiança inicial. De tal maneira que, no fim, um deles (que compreendia o meu intérprete) entrou na caravela e ficou muito admirado com o nosso modo de navegar e com os homens brancos.

Recebemos o negro muito amavelmente e com grande carinho, perguntando-lhe várias coisas de somenos importância e, a pouco e pouco, conseguimos insinuar-nos no seu estômago e sondar-lhe a cabeça de tal maneira que ele nos garantiu que aquele país era

⁽⁹⁾ Nome antigo da pedra-íman e, por consequência, da bússola.

⁽¹⁰⁾ A. Cadamosto, 1457, *Relation...*, pp. 80-85, 102-121 e 167-168 (extractos).

a Gâmbia e o seu senhor Forosangole, vassalo do imperador de Melli [*Mali*], o rei mais importante dos negros; mas que, não obstante, havia outros senhores com menos autoridade e poder que habitavam junto do rio, tanto numa margem como noutra. E se o desejássemos, apresentar-nos-ia a um deles chamado Battimansa, com quem procuraria fazer-nos entabular laços amistosos, pois parecia-lhe que éramos gente de bem e com intenções louváveis. Aceitámos esta amável oferta e levámo-lo connosco rio acima até chegarmos à residência de Battimansa, situada a mais de sessenta milhas da foz.

Concordámos todos que seria melhor mandar à frente um dos nossos intérpretes acompanhar esse negro junto do senhor Battimansa, o que fizemos, enviando-lhe de presente um vestido bordado a seda à moda mourisca a que damos o nome de camisa, que era muito belo e feito no país dos mouros; encarregámos o nosso homem de lhe dizer que vínhamos por vontade de nosso senhor o rei de Portugal, mui cristão, para tratar com ele em boa paz e amizade, e de perguntar se ele desejava mercadorias deste país, que passariam a ser-lhe enviadas todos os anos. Battimansa mandou imediatamente alguns negros, que não só travaram amizade connosco como receberam ainda várias coisas em troca de alguns escravos negros e de uma certa porção de ouro, muito escassa em relação ao que esperávamos encontrar, pois os rumores excediam a verdade, embora aquilo que nos mandaram fosse, aos olhos deles, de um valor considerável, pois eram muito pobres.

Permanecemos ali onze dias, durante os quais vários negros que moravam numa e noutra margem desse rio se deslocaram às nossas caravelas, uns para ver as coisas que constituíam novidade para eles, outros para vender anéis de ouro e outros pequenos objectos que costumam usar tais como camisas, fios e panos de algodão, tecidos de fantasia, uns brancos, outros sarapintados de verde, branco e azul e outros ainda de vermelho, branco e azul, de grande beleza. Trocavam-nos por objectos de pouco valor.

Também nos traziam almíscar e as peles de gato donde ele é extraído, trocando uma onça de almíscar por qualquer outra coisa; outros presenteavam-nos com frutos de várias espécies, entre os quais tâmaras selvagens que não eram muito saborosas.

Habitualmente, não se afastam da região porque são capturados e vendidos como escravos, sempre que eles se descuidam. Finalmente, decorridos esses onze dias, deliberámos regressar à foz do rio, tanto mais que alguns dos nossos haviam sido atingidos por uma febre elevada, teimosa e contínua, o que nos fez antecipar a partida ⁽¹¹⁾.

(11) A. Cadamosto, 1457, *Relation...*, pp. 156-162 (extractos).

A Costa da Mina

Os Portugueses avançaram lentamente: só em 1460 atingiram a elevação da «Serra Leoa», ou seja a costa da Serra Leoa. Dez anos mais tarde, exploravam as desembocaduras do Níger. Nessa altura, o avanço deles foi acelerado pelo extraordinário monopólio concedido em 1469 a Fernão Gomes, rico burguês de Lisboa, monopólio esse cujas cláusulas revelavam o peso das ambições comerciais da expansão portuguesa:

Como El-Rei arrendou o resgate de Guiné a Fernão Gomes por tempo de cinco anos, com obrigação que neste tempo havia de descobrir quinhentas léguas de costa.

Neste tempo o negócio de Guiné andava já mui corrente entre os nossos e os moradores daquelas partes [*isto é, da costa ocidental da África, ao sul de Arguim*] e uns com os outros se comunicavam em as cousas do comércio com paz e amor, sem aquelas entradas e saltos de roubos de guerra que no princípio houve. O que não pode ser doutra maneira, principalmente acêrca de gente tam agreste e bárbara, assi em lei e costumes, como no uso das cousas desta nossa Europa.

E andando assi estas cousas, tam correntes e ordinárias em as partes de costa já descoberta, como el-Rei pelos negócios do reino andava ocupado, e não havia por seu serviço per si mandar grangear esta propriedade do comércio, nem menos deixá-lo correr no modo que andava acêrca do que as partes pagavam, por lhe ser cometido em Novembro do ano de mil quatrocentos e sessenta e nove, o arrendou por tempo de cinco anos a Fernão Gomes, um cidadão honrado de Lisboa, por duzentos mil réis cada ano, com condição, que, em cada um destes cinco anos, fôsse obrigado descobrir pela costa em diante cem léguas, de maneira que no cabo do seu arrendamento, desse quinhentas léguas descobertas.

O qual descobrimento havia de começar na serra Lioa, onde acabaram Pero de Sintra e Soeiro da Costa, que foram ante dêste arrendamento os derradeiros descobridores.

E entre outras condições que se continham neste contrato, era que todo o marfim havia de ser del-Rei, a preço de mil e quinhentos reais por quintal, e el-Rei o dava a outro maior preço a um Martim Anes Boviage, por lhe ser obrigado per outro contrato feito ante dêste, a todo o marfim que se resgatasse em Guiné. E por cousa mui estimada naquele tempo, tinha Fernão Gomes licença pera poder resgatar em cada um dos ditos cinco anos, um gato de algália.

O qual contrato foi feito no ano de quatrocentos e sessenta e nove, com limitação que não resgatasse em a terra firme defronte das ilhas do Cabo Verde por ficar pera os moradores delas, por serem do Infante Dom Fernando. Nem menos lhe foi concedido o resgate do castelo de Arguim por el-Rei o ter dado ao Príncipe Dom João, seu filho, em parte do assentamento que dêle tinha. Pero depois houve o mesmo Fernão Gomes do Príncipe êste resgate de Arguim por certos anos, por preço de cem mil reais em cada um dêles. E foi Fernão Gomes tão diligente e ditoso em êste descobrimento e resgate dêle, que logo no Janeiro de quatrocentos setenta e um, descobriu o resgate do ouro onde ora chamamos a *Mina*, per João de Santarém e Pero Escovar, ambos cavaleiros da casa del-Rei.

O primeiro resgate do ouro que se fêz nesta terra, foi em ãa aldeia chamada Sãmá, que naquele tempo seria de quinhentos vezinhos, e depois se fêz mais abaixo contra onde ora está a fortaleza que el-Rei Dom João mandou fazer (como veremos em seu lugar), o qual lugar se chamava pelos nossos *Aldea das Duas Partes*. E não sòmente descobriu Fernão Gomes êste resgate de ouro, mas chegaram os seus descobridores pela obrigação do seu contrato té o Cabo de Santa Caterina, que é além do Cabo de Lopo Gonçalves trinta e sete léguas, e em dous graus e meio de altura da parte do Sul.

No qual tempo ganhou Fernão Gomes mui grossa fazenda com que depois serviu el-Rei. E no ano de quatrocentos setenta e quatro, que foi o derradeiro de seu arrendamento, lhe deu nobreza de novas armas, um escudo timbrado com o campo de prata e três cabeças de negros, cada um com três arriéis de ouro nas orelhas e narizes, e um colar de ouro ao colo, e por apelido *da Mina*, em memória do descobrimento dela, e disso lhe passou carta a vinte nove de Agosto do dito ano. Depois, passados quatro anos, o fêz do seu conselho, porque já neste tempo era o comércio de Guiné e resgate da Mina de tanto proveito, e ajudava tanto em substância ao estado do reino, pela boa indústria de Fernão Gomes, que assi por êste serviço como por outros particulares de sua pessoa, merecia tôda a honra e mercê que lhe fôsse feita ⁽¹²⁾.

As actividades dos mercadores portugueses em breve se foram diferenciando ao longo dessa costa imensa; cada sector foi designado pelo nome do comércio mais rendível ali existente:

(12) J. de Barros, *Asia*, 1.ª década, Agência Geral das Colónias, Editorial Ática, Lisboa, 1945, t. I, liv. 2.º, cap. 2.

— Desde a Serra Leoa ao cabo das Três Pontas (a leste de Abidjan), a Costa da Malagueta produzia a pimenta do mesmo nome, chamada «grão do paraíso», especiaria muito apreciada que fez uma violenta concorrência à pimenta da Ásia; por vezes distinguia-se, a oeste do cabo das Palmeiras (na actual fronteira da Libéria com o Gana) a Costa dos Grãos, e a leste a Costa dos Dentes, produtora de marfim.

— Para lá de Axim, a Costa do Ouro ou Costa da Mina merecia bem o nome por que era conhecida.

— Finalmente, a Costa dos Escravos estendia-se até Angola, descoberta em 1482.

O esforço dos Portugueses incidiu em primeiro lugar no ouro: fundaram, em 1486, o célebre forte de S. Jorge da Mina (Elmina, no Gana), cuja cidade serviu de escoadouro e de protecção ao comércio costeiro:

Como El-Rei Dom João, sucedendo no reino por falecimento del-Rei Dom Afonso, seu pai, mandou logo ãa grande armada às partes de Guiné, a fazer o castelo que agora chamamos de São Jorge da Mina, da qual armada foi Capitão-mór Diogo de Azambuja; e como se viu com Caramansa, senhor daquêle lugar.

El-Rei Dom João, com fundamentos de cristianíssimo príncipe e barão de grande prudência, ordenou de mandar fazer ãa fortaleza como primeira pedra da Igreja oriental, que êle em louvor e glória de Deus desejava edificar, per meio desta posse real que tomava de todo o descoberto e por descobrir, segundo tinha per doações dos Sumos Pontífices.

E sabendo que na terra onde acudia o resgate do ouro folgavam os negros com panos de sêda, de lã, linho e outras cousas do serviço e polícia de casa e que em seu trato tinham mais claro intendimento que os outros daquela costa, e que no modo de seu negociar e comunicar com os nossos davam de si sinais pera facilmente receberem o bautismo, ordenou que esta fortaleza se fizesse em aquela parte onde os nossos ordinariamente faziam o resgate do ouro.

Porque com esta isca de bens temporais que sempre ali haviam de achar, recebessem os da Fé, mediante a doutrina dos nossos, o qual efeito era o seu principal intento.

E dado que pera esta obra da fortaleza houvesse em seu conselho contrairas opiniões, representando a distância do caminho, e os ares da terra serem pestíferos à saúde dos homens que lá estivessem, e assi os mantimentos da terra e o trabalho de navegar, houve el-Rei por maior bem ãa só alma, que por causa da

fortaleza podia vir à Fé per baptismo, que tôdolos outros inconvenientes, dizendo que Deus proveria nêles, pois aquela obra se fazia em seu louvor, e afim pera que seu vassalos pudessem fazer algum proveito, e também o patrimônio dêste reino fôsse acrescentado..

Assentando que se fizesse esta fortaleza, mandou aperceber ãa armada de dez caravelas e duas urcas, em que fôsse pedra lavrada, telha, madeira e assi tôdalas outras munições e mantimentos para seiscentos homens de que os cento eram oficiais pera esta obra e os quinhentos de peleja. Dos quais navios era Capitão-mor Diogo de Azambuja, pessoa mui experimentada nas cousas da guerra; e deu-lhes Deus tam boa viagem, pôsto que teve algum trabalho com ãa urca que fazia muita água, que a dezanove de Janeiro daquele ano seguinte, chegou ao lugar onde se havia de fazer o castelo, que naquele tempo se chamava Aldea das Duas Partes. Caramansa, senhor daquela aldea, como também era homem que queria mostrar seu estado, veio com muita gente posta em ordenança de guerra, com grande matizada de atabaques, bozinas, chocalhos e outras cousas que mais estrugiam que deleitavam os ouvidos. Os trajos de suas pessoas eram os naturais de sua própria carne, untados e mui luzidos, que davam mais pretidão aos coiros, cousa que êles costumavam por louçainha. Sômente as partes vergonhosas eram cobertas, dêles com peles de bugios, outros com panos de palma, e os mais principais com alguns pintados que per resgate houveram dos nossos navios que ali iam resgatar ouro. Porém gèralmente em seu modo todos vinham armados, uns com azagaias e escudos, outros com arcos e coldres de frechas, e muitos, em lugar de arma da cabeça, ãa pele de bugio, o casco da qual todo era encravado de dentes de alimárias, todos tam disformes com suas invenções por mostrar ferocidade de homens de guerra, que mais moviam a riso que a temor. Os que entre êles eram estimados por nobres, como insígnias de sua nobreza, traziam dois pages trás si: um lhe trazia um assento redondo de pau pera se assentar a tomar repouso onde quisesse, e outro o escudo da peleja; e êstes nobres pela cabeça e barba traziam alguns arriéis e jóias de ouro.

O seu Rei, Caramansa, em meio de todos, vinha coberto, pernas e braços, de braceletes e argolas de ouro, e ao pescoço um colar, do qual dependiam ãas campainhas miúdas, e pela barba retorcidas ãas vergas de ouro, que assi lhe chumbavam os cabelos dela, que de retorcidos os faziam corredios. A continência de sua pessoa, era vir com uns passos mui vagarosos, pé ante pé, sem mover o rosto a parte algũa.

Acabadas estas cerimónias de cortesia, Diogo de Azambuja começou per meio de ãa língua a lhe propoer a causa de sua ida: a qual era ter el-Rei, seu senhor, sabido a vontade e desejo dêle,

Caramansa, acêrca das cousas de seu serviço, e quanto trabalhava de o mostrar no bom e breve aviamento que dava aos seus navios que àquele pôrto chegavam; e que por estas cousas procederem de amor, el-Rei lhas queria pagar com amor que tinha mais vantagem que o seu, que era amor da salvação de sua alma, cousa mais preciosa que os homens tinham, por ela ser a que lhe dava vida, intendimento pera conhecer e entender tôdalas cousas, e per a qual o homem era diferente dos brutos. E aquêle que a quisesse conhecer, era necessário ter primeiro conhecimento do Senhor que a fizera, o qual era Deus. E se êle, Caramansa, aceitasse êsse baptismo e o recebesse, êle, Diogo de Azambuja, em nome del-Rei seu Senhor, lhe prometia dali em diante de o haver por amigo e irmão nesta Fé de Cristo, Deus e senhor nosso, que lhe êle amoes-tava.

E porque ao presente êle vinha bem provido de mercadorias e cousas mui ricas que ainda ali não foram vistas, pera guarda das quais lhe era necessário fazer ãa casa forte em que estivessem recolhidas, e assi alguns aposentos onde se pudesse agasalhar aquela gente honrada que com êle vinha, lhe pedia que houvesse por bem que êle fizesse êste recolhimento.

O qual êle esperava em Deus que seria penhor pera el-Rei ordinariamente mandar fazer ali resgate, com que êle, Caramansa, seria poderoso em terras e senhor dos comarcãos, sem alguém o poder anojár, porque a mesma casa e o poder del-Rei, que nela estaria, o defenderiam. E dado que Baio, Rei de Sama, e outros príncipes seus vezinhos, houvessem por grande honra ser esta fortaleza feita em suas terras, e ainda por isso faziam um grande serviço a el-Rei, êle houve por bem ser esta obra feita ante em sua terra, que pêlo amor e amizade que êle, Caramansa, tratava as cousas de seu serviço...

...Ao seguinte dia, começando os pedreiros quebrar uns pedregalhos que estavam sôbre o mar, junto onde tinham elegido os alicerces da fortaleza, não podendo os negros sofrer tamanha injúria como se fazia àquele santidade, que êles adoravam por Deus, acendidos em fúria que lhe o Demônio aticava para todos ali perecerem antes do baptismo que depois alguns dêles receberam, tomaram suas armas e, com aquêle primeiro ímpeto, deram rijo em os oficiais que andavam nesta obra.

Diogo de Azambuja, como a êste tempo estava com os capitães fazendo tirar as munições dos navios, tanto que viu correr a gente contra a praia, acudiu rijo. E, porque soube do língua dos negros que a causa principal do alvoroço dêles fôra por ainda não terem recebido o presente que esperavam, e que maior mágoa tinham por a tardança que por a injúria dos seus deuses, entreteve a gente o melhor que pôde, de maneira que não houvesse sangue, e mandou a grã pressa ao feitor que trouxesse dobrados lambéis,

manilhas, bacias e outras cousas que tinha mandado que levasse a el-Rei e a seus cavaleiros, por assi estar em costume. E ainda por mais comprazer aos negros, publicamente entre eles bradou com êle. Com o qual presente, depois que o receberam, assi ficaram contentes e brandos da fúria, que entregaram os filhos, quanto mais os penedos; tanto poder tem o dar que, como dizem, quebrantou Diogo de Azambuja as pedras que eram os corações daqueles negros em sua indignação, e mais quebrou os penedos que eles defendiam. Porém, enquanto a obra durou, sempre se teve grande vigia e tento nêles, não se lhe antolhasse outra vaidade algũa.

Em fazer a qual obra se deu tal despacho, que em vinte dias puseram a cêrca do castelo em boa altura, e a tôrre da menagem em o primeiro sobrado. E por a singular devação que el-Rei tinha neste santo, foi chamada esta fortaleza *São Jorge*, a qual depois, em o ano de quatrocentos oitenta e seis, a quinze de Março, em Santarém, el-Rei a fêz cidade, dando-lhe per sua carta patente tôdalas liberdades, privilégios e preminências de cidade.

Pôsto que por parte dos nossos, enquanto durou esta obra, se trabalhava não haver com os negros rompimento, fizeram eles tantos furtos e maldades, que conveio a Diogo de Azambuja queimar-lhe a aldea, com que, entre êste castigo e benefícios que mais parte tinham nêles, ficaram em segura paz. Acabada a obra e a terra corrente em resgate, expediu Diogo de Azambuja os navios e a gente sôbressalente, que se veo pera o reino com boa cópia de ouro que resgataram, e êle ficou com sessenta homens ordenados à fortaleza⁽¹³⁾.

O castelo de S. Jorge em breve se tornou o centro do comércio do ouro que vinha do Sudão, transportado em caravanas:

E temos sabido que em toda a Etiópia de Guiné, depois de ser dada criação ao mundo, este foi o primeiro edefício que se naquela região fez; na qual casa Nosso Senhor acrescentou tão grandemente o comércio, que em cada um ano se tira dali, por resgate que vem pera estes reinos de Portugal, cento e setenta mil dobras de bom ouro fino; e muito mais em alguns anos se resgata e compra aos Negros que de longas terras este ouro ali trazem, os quais são mercadores de diversas nações; e eles levam desta casa muitas mercadorias assi como lambens [*tecidos de riscas vermelhas, verdes, azuis e brancas*] que é a principal delas, e pano vermelho e azul, e manilhas de latão, e lenços e corais, e ãas conchas vermelhas que antre eles são muito estimadas, assi

(13) J. de Barros, *Asia*, Livro 3.º, cap. 1 e 2.

como nós cá estimamos pedras preciosas; isso mesmo vale aqui muito o vinho branco e ãas contas azuis, a que eles chamam «coris» (*), e outras muitas cousas de desvairados modos. Esta gente até 'gora foram gentios e já alguns deles são feitos cristãos; isto digo pelos moradores da terra do mesmo lugar onde está o castelo, porque os mercadores são de longe e não têm tanta conversação como nós outros como estes que são vizinhos, e por isso vivem no engano e idolatria que sempre tiveram.

Neste trato que aqui é dito se ganha cinco por um e mais. Mas esta terra é muito doentia de febres e razoadamente morrem aqui os homens brancos.

Em cada um ano arma el-Rei nosso senhor, por ordenança, doze navios pequenos que vão carregados de mercadorias, os quais a este Reino trazem o ouro que o feitor [*agente comercial*] de Sua Alteza lá resgata; e isto além de três e quatro naus, que também lá manda, carregadas de mantimentos, vinhos e mercadorias que lá são necessárias.

Os mercadores de que atrás falámos não trazem asnos nem outras bestas pera levarem as mercadorias, que comprem em maior preço a terça parte, e mais, do que valem nestes Reinos. E estes escravos são comprados pela nossa gente que o Sereníssimo Rei em seus navios manda duzentas léguas além deste castelo, em uns rios onde está ãa muito grande cidade a que chamam Beni, e dali os trazem⁽¹⁴⁾.

Acerca da origem do ouro que afluía ao castelo de S. Jorge, sabia-se tanto como antes; a troca muda continuava a ser a regra seguida pelos negros que produziam ouro e pelas tribos intermediárias. Apenas há a assinalar uma diferença, sinal da modificação das correntes comerciais: às trocas orientadas para norte — ouro por sal — sucedera-se um comércio dirigido para sul — ouro por escravos —; Duarte Pacheco Pereira descreve-o da seguinte maneira:

Duzentas léguas para além do Reino de *Mandinga* encontra-se uma terra onde há muito ouro; chama-se *Toom* e os habitantes desta província têm cabeça e presas de cão e cauda de cão; são negros e pouco faladores, pois recusam-se a ver outros homens; os habitantes de certos lugares, *Beetun*, *Habanbarranaa* e *Bahaa*, vão a esse país de *Toom* comprar ouro em troca das mercadorias

(*) Não se trata de pérolas, mas de conchas a que se dava o nome de «cauris» e de que falaremos adiante.

(14) Duarte Pacheco Pereira, 1508, *Esmeraldo de Situ Orbis*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1955, Livro II, cap. V.

e dos escravos que eles trazem: o comércio faz-se da seguinte maneira: cada um dos que quer vender um escravo ou qualquer outra coisa vai a um sítio combinado, amarra o dito escravo a uma árvore e cava um buraco na terra da profundidade que lhe parece conveniente; feito isto, afasta-se para longe e a Cabeça de Cão aproxima-se: se está contente, enche o buraco de ouro; caso contrário, tapa-o com terra e faz outro mais pequeno e afasta-se de novo; depois disto, o dono do escravo volta e vê o buraco que o Cabeça de Cão fez; se está satisfeito, retira-se segunda vez e o Cabeça de Cão volta e enche o buraco de ouro; é assim que se faz o comércio, tanto de escravos como de outras mercadorias. E os mercadores mandingas vão às feiras de Beetun e de Banbarranaa e de Bahaa comprar ouro a essas populações monstruosas.

O Benim

Os primeiros portugueses praticamente não se aventuravam para o interior. No entanto, abriram uma excepção para a cidade de Beny, ou Benim (na actual Nigéria), um dos grandes centros da civilização das cidades ioruba, que teve o seu apogeu no século XIV e existia ainda — mas já esgotada pelo tráfico negreiro — no século XVIII.

Benim estava estreitamente ligado a Ifé, um centro da arte africana da Idade Média, cujas estátuas de pedra, cerâmicas e, sobretudo, as cabeças de latão descobertas em pesquisas recentes (1910) são a prova duma cultura acabada; os Portugueses não conheceram Ifé; apenas sabiam que, algures no interior, ficava situada a metrópole espiritual do país; e de facto, o Oni de Ifé tinha uma palavra a dizer na nomeação do soberano de Benim:

Huguató [*Gwato*], que será lugar de dous mil vizinhos, é o porto da grande cidade do Beni que está no sertão nove léguas de bom caminho. E até Huguató podem ir navios pequenos de grandura de cinquenta tonéis. E esta cidade terá ãa légua de comprido de porta a porta, e não tem muro; sòmente é cercada de ãa grande cava muito larga e funda, a qual abasta pera sua defensão; e eu fui nela quatro vezes. E tem as casas de taipas cobertas de palma.

O reino do Beni será de oitenta léguas de comprido e quarenta de largo. E o mais do tempo faz guerra aos vizinhos, onde toma muitos cativos que nós compramos a doze e quinze manilhas de

latão ou de cobre, que eles mais estimam; e dali são trazidos à fortaleza de S. Jorze da Mina, onde se vendem por ouro.

Muitas abusões há no modo de viver desta gente, e feitiços e idolatrias. Ao levante deste reino do Beni, cem léguas de caminho no sertão, é sabida ãa terra que, em nossos dias, tem um rei que se chama Licosaguou e dizem que é senhor de muita gente e grande poder; e, logo junto com este, está outro grande senhor que há nome Hògané [*Ogane: o Oni d'Ifé*], e este é antre os Negros assi como o Papa antre nós ⁽¹⁵⁾.

A extensão, a arquitectura, as muralhas e os palácios da cidade de Benim provocaram a admiração dos primeiros visitantes:

Chamam à cidade *Grande Benim* porque, efectivamente, não há nenhuma tão grande naquelas paragens. Tem a rodeá-la dum lado uma muralha de dez pés de altura, feita duma paliçada dupla de árvores, com faxinas ao meio, entrelaçadas em forma de cruz e guarnecidas de barro. Do outro lado, um pântano rodeado de arbustos que se estende duma ponta à outra da muralha constitui uma defesa natural. Há várias portas que têm oito ou nove pés de altura e cinco de largura: são de madeira, formadas duma única peça, e giram numa estaca como as cancelas que existem nos prados.

O palácio do rei é um conjunto de edifícios com vários aposentos para os ministros e belas galerias apoiadas em pilares de madeira assentes num pedestal de cobre, onde as suas vitórias são gravadas. A maior parte destas casas reais é coberta de ramos de palmeira cruzados, dispostos como se fossem tábuas; os cantos são ornamentados com uma pequena torre em pirâmide, na ponta da qual está empoleirado um pássaro de cobre com as asas abertas.

A cidade é formada por trinta ruas muito direitas, com vinte e seis pés de largura, além duma infinidade de pequenas ruas transversais. As casas estão perto umas das outras e alinhadas em boa ordem; possuem tectos, alpendres, balaustradas e recebem a sombra das palmeiras e das bananeiras, porque têm apenas um andar. Apesar disso, no interior das casas dos nobres há grandes corredores e vários quartos cujas paredes e tectos são de barro vermelho.

...O rei de Benim é um príncipe poderoso que consegue armar num dia 20 000 soldados e reunir em pouco tempo um exército de 80 ou de 100 000 homens; assim, é o terror da vizi-

⁽¹⁵⁾ D. Pacheco Pereira, *Esmeraldo...*, Livro II, cap. 7, pp. 149-150.

nhança e desperta o receio das populações e dos seus súbditos que são todos escravos, até os mais importantes. Usam mesmo uma incisão no corpo em sinal de servidão, que o rei lhes manda fazer em crianças, quando o pai ou a mãe vão apresentá-los⁽¹⁶⁾.

Os conhecimentos acerca das regiões para lá de Benim continuavam a ser muito vagos: apenas se sabia que na Nigéria, ou no actual Camarões, existiam pimenta, marfim e grandes macacos:

Nestas terras há pimenta negra; e é muito mais forte que a da Índia, e o grão quasi todo de uma grandura, somente que a da Índia é enverrugada e esta é lisa na superfície.

Nesta terra há uns homens salvagens que habitam nos montes e arvoredos desta região, aos quais chamam, os Negros do Beni, «òsá», e são muito fortes, e são cobertos de serdas como porcos. Tudo têm de criatura humana, senão que, em lugar de falar, gritam. E eu ouvi já de noite os gritos deles e tenho uma pele de um destes salvagens.

Nesta terra há muitos elefantes, dos quais os dentes, a que chamamos marfim, muitas vezes compramos; e indo cem léguas per a madre deste rio fermoso acima, é achada uma terra de Negros a que chamam Opu. E aqui há muita pimenta e marfim e alguns escravos⁽¹⁷⁾.

O Congo

O entusiasmo mercantil dos Portugueses nessas terras desconhecidas era acompanhado de um proselitismo religioso não menos ardente; a conversão, em 1491, do Manicongo, rei da margem esquerda do Baixo Congo, cujo território se estendia de norte a sul, desde o Loango e o Caongo de Cabinda até ao reino de Luanda, ao norte de Angola, não foi dos episódios menos surpreendentes deste périplo africano; Filipo Pigafetta e Duarte Lopes deixaram-nos o seguinte relato desses acontecimentos:

El-Rei Dom João o segundo, querendo descobrir as Índias Orientais, mandou diversos navios pela costa de África a reconhecerem esta navegação; os quais, havendo já achado as Ilhas

⁽¹⁶⁾ O. Dapper, 1668, *Description de l'Afrique...*, trad. Amsterdão, 1686, pp. 308-312.

⁽¹⁷⁾ D. Pacheco Pereira, *Esmeraldo...*, Livro II, cap. 7, p. 150.

de Cabo Verde e a Ilha de S. Tomé, correndo a costa, viram o Rio Zaire, de que arrazoámos, e tiveram ali boa prática com aquelas gentes e as souberam corteses e amáveis. Depois, expediu para o mesmo efeito outros navios a buscarem este comércio de Congo; os quais, vendo livre o trato e o proveito e a gente amigável, deixaram lá alguns Portugueses para aprenderem a língua e negociarem com elas, entre os quais ficou também um Padre de Missa; e convivendo os Portugueses com o Senhor de Sonho, que era tio de El-Rei, e muito idoso, que ao tempo demorava no porto de Praça, que é na foz do Zaire, eram eles Portugueses estimados daquele Príncipe e reverenciados quase como Deuses terrenos, vindos do Céu àquelas regiões.

Mas os Portugueses diziam-lhes que eram homens como eles e Cristãos; e vendo-se estarem tão benquistos entre aqueles povos, começaram o Sacerdote e os demais a praticar com o Príncipe sobre a fé Cristã e a mostrarem-lhe os erros da crença pagã; e, pouco a pouco, a ensinar-lhe a nossa religião; de sorte que agradou ao dito Senhor aquilo que os Portugueses diziam, e ficou convertido.

Com esta fiuza e bom espírito, o Príncipe de Sonho foi à Corte dar a conhecer a El-Rei a verdadeira doutrina dos Cristãos Portugueses e exortá-lo a que recebesse a fé Cristã, que era tão clara e salutífera. Por isso El-Rei mandou chamar o Padre à Corte com o fim de tratar pessoalmente e entender aquilo que o Senhor de Sonho lhe contara e, informado que foi, se converteu e disse querer ser Cristão. A esse tempo regressaram a Portugal os barcos que eram vindos de Congo; pelos quais mandava El-Rei de Congo pedir a El-Rei Dom João o segundo, de Portugal, que lhe remetesse todos os aparatos e sacerdotes para se fazer Cristão; e o Padre escreveu largamente acerca deste negócio, conforme à vontade daqueloutro Rei, dando-lhe inteira informação de quanto era passado. Assim, El-Rei enviou-lhe sacerdotes e ornamentos para as Igrejas e além disso cruzeiros e imagens; e foi-lhe entregue tudo quanto era necessário para uma tal acção.

Chegaram as naus de Portugal com os esperados provimentos, que foi no ano de 1491 da nossa salvação, tomando porto na foz do Rio Zaire; e o Príncipe de Sonho, com demonstração de singular alegria, correu-lhes ao encontro, com todos seus fidalgos e acolheu os Portugueses alegremente e os levou a suas pousadas. No dia seguinte, por conselho do Padre, que lá ficara, levantou aquele Senhor uma Igreja de troncos e rama de árvores que, ele, em pessoa, com seus criados, andou a cortar devotamente na selva; e cobriu-se com eles um sítio como Igreja, no qual se armaram três altares em louvor da santíssima Trindade; onde ele se baptizou e um filho seu, criança; chamando-se ele Manuel, nome do Nosso Salvador, e António se chamou o filho, por ser

aquele santo protector da Cidade de Lisboa. Ora, se aqui alguém perguntasse que nomes teriam as gentes daquelas terras, antes que recebessem a fé Cristã, por certo parecerá incrível o responder que homens e mulheres não tinham nomes próprios convenientes a racionais, mas comuns às plantas, às pedras, aos pássaros e às bestas.

E os Senhores se denominavam pelos estados que tinham em governo, como, por exemplo, o dito Senhor, que primeiro se fez Cristão no Congo, se apelidava Manisonho, isto é, Senhor de Sonho, e baptizado se chamou Manuel; mas agora, todos, geralmente, têm o nome dos Cristãos, ensinados a eles pelos Portugueses.

Isto feito, dirigiram-se todos os Portugueses à Corte para baptizarem também El-Rei, que a tal aspirava com desejo ferventíssimo; com os quais o Governador de Sonho mandou que muitos Senhores dos seus fossem com músicas e descantes e admirável júbilo, e deu-lhes criados que carregassem toda sua fardagem, ordenando aos povos que levassem aos caminhos vitualhas de toda sorte para aqueloutros; e eram tantas as gentes, que concorriam a vê-los, que parecia quase toda a campina coberta de pessoas que acolhiam com mostras de amor aos Portugueses Cristãos, cantando e tocando trombetas e pandeiros e outros instrumentos daquelas terras. E é cousa admirável de dizer como pelas 150 milhas, que se percorrem do mar à Cidade do Salvador, os caminhos estavam todos limpos e varridos, e abundantemente guarnecidos de mantimentos e de comodidades para os Portugueses.

Distantes três jornadas do lugar de onde partiram, avistaram os cortesãos de El-Rei que lhes saíram ao encontro, lhes apresentaram refrescos e lhes fizeram honras; e de lugar em lugar topavam com outros Senhores que, para o mesmo efeito eram enviados de El-Rei a receber os Cristãos e mensageiros de ledice tão grande. El-Rei aguardava-os à porta de seu paço, num trono de estrado alto, e recebeu-os em público, assim como têm por costume os Reis antigos daquele Reino, quando vêm Embaixadores, ou se pagam os tributos, ou se fazem tais outras cerimónias reais. Primeiramente, o Embaixador expôs a embaixada de El-Rei de Portugal, servindo de intérprete o Padre sobredito, que foi o principal autor da conversão daqueles povos.

Finda a embaixada, El-Rei levantou-se da cadeira em pé, e mostrou, no rosto e nas palavras, sinais claros do grande prazer que sentia com a vinda de Cristãos, tornando a sentar-se; e, em continente, o povo todo junto com alaridos, tangeres, cantigas e manifestas provas de alegria, seguindo as palavras de El-Rei, patentearam sumo contentamento daquela Embaixada: e, por acto

de obediência, três vezes se prostraram em terra e alçaram os pés, segundo a usança daqueles reinos, aprovando e louvando a acção do seu Príncipe, e aceitando, cordialmente, o Evangelho que do Senhor Deus lhes vinha, trazido por mão daqueles religiosos.

Viu logo todos os presentes enviados por El-Rei de Portugal: os paramentos dos sacerdotes e os ornamentos do altar, as cruzes e os painéis em que as imagens dos santos estavam pintadas, as bandeiras e o pendão, e o mais, peça por peça, estando com incrível atenção ao declararem-lhe o significado de cada cousa. Depois, retirou-se El-Rei, e alojou o Embaixador em um palácio, feito para ele de propósito; e todos os mais foram apousentados em outras casas de diversos Senhores, com toda abundância e comodidade.

No dia seguinte, mandou El-Rei chamar todos os Portugueses, privadamente: em que se tratou do modo que se havia de ter para baptizar El-Rei e pôr em obra a conversão daqueles povos à fé Cristã; e, feitos vários discursos, ficou assentado que primeiro se edificasse uma Igreja, para que nela, com solenidade maior, se celebrasse o baptismo e as cerimónias; e, entremente, se iria ensinando a El-Rei e aos outros da Corte, instruindo-os na religião Cristã.

El-Rei mandou fazer aviamento de todo o material, com grande brevidade, de madeiras, e de pedras, e de cal, e de tijolos, segundo que lhe fora proposto pelos mestres e pedreiros, que para tal efeito eram idos de Portugal. Mas o demónio, que não cessa nunca de se atravessar nas boas operações e santas, alevantou discórdias frescas e conjuntos e embaraços contra este exalçamento da fé cristã, a qual vinha a destruir a sua potestade naquele Reino e a plantar nele a árvore salutífera da Cruz e o culto do Evangelho, rebelando-se alguns povos dos Anzicos e da Anzicana, que habitam nas duas margens do Rio Zaire, das mencionadas catadupas para cima, contra o lago, pertencentes a El-Rei de Congo.

Ora, este rio grandíssimo, retido por aquelas quedas de água, engrossa-se, e expande o largo e profundo leito, na amplidão do qual demoram muitas ilhas, maiores e menores, algumas das quais sustentam obra de 30 mil almas. Nessas ilhas e nos lugares adjacentes às margens, sublevaram-se os povos e subtraíram-se à obediência de El-Rei, matando aos Governadores enviados ali por ele, a fim que mediante esta rebelião se interrompesse o efeito da Cristandade, que já era começado.

Daqui nasceu o levantamento e a rebelião dos povos acima ditos, e não das gentes que habitam nas ilhas do grão lago [o Stanley-Pool]; porque aquele lago dista cerca de 200 milhas dos confins de Congo; nem dele se tinha por aquelas estanças (e

pouca ainda ao presente) notícia nem conversação alguma, a não ser de outiva.

Sendo necessário que El-Rei aí fosse, em pessoa, por ser o tumulto grandíssimo, quis-se primeiro baptizar; e assim parou a obra da Igreja de pedra, armando-se à pressa uma de madeira. E nela recebeu água do santo Baptismo, chamando-se ele Dom João e sua mulher Dona Leonor, com os nomes do Rei e da Rainha de Portugal; e aquela Igreja dedicou-a ao Salvador.

Baptizaram-se naquele dia alguns Senhores, a exemplo dos Reis, recebendo primeiro uns rudimentos de doutrina cristã.

Chegaram nessa altura os navios de Portugal, trazendo mestres nas sagradas Escrituras, religiosos irmãos de S. Francisco, de S. Domingos e de Santo Agostinho e padres que, cheios de caridade e fervor, espalharam a fé católica que foi recebida com o mesmo ardor por todo o povo do reino, que venerava os padres a ponto de os adorar de joelhos e de lhes beijarem a mão implorando-lhes a bênção sempre que se cruzavam com eles no caminho. Assim, com o tempo, a fé católica foi-se enraizando no país e lá se manteve até hoje, embora tenha sofrido muito entretanto.

Embora o rei congolês João I tivesse regressado às práticas pagãs em 1494, foi durante o reinado do seu filho Afonso I que o reino cristão do Congo conheceu o período áureo: o animismo parecia ameaçado a certa altura:

Pacificado o Reino e assentadas as cousas, o rei mandou convocar os Senhores de todas as províncias no lugar assinado e notificou-lhes, publicamente, que todo homem que tivesse ídolos ou outra alguma cousa contrária à religião Cristã, que a trouxesse e entregasse aos deputados; senão, quantos o não fizessem, seriam queimados fora de perdão. O que, em continente, se pôs em obra; e é admirável como em menos de um mês, foram trazidos à Corte todos os ídolos e as feitiçarias e as carântulas, que eles adoravam e tinham por Deuses.

E, por certo, se viram inumeráveis cousas tais, porque, como cada um reverenciava aquilo que mais lhe agradava sem regra, nem medida nem razão de espécie alguma, que se achou grandíssima quantidade de Demónios de estranha feição e espantosos. Muitos tinham em devoção Dragões com asas, que cevavam em suas casas privadas, dando-lhes a comer das mais estimadas viandas; outros, serpentes de horrível figura; alguns adoravam os Cabrões maiores; estes, as Onças e outros animais mais monstruosos; e quanto mais estranhos eram e disformes, mais os honravam; certos tinham por veneráveis as imundas aves e nocturnas,

a saber: morcegos, corujas, mochos e semelhantes. Em suma, elegiam por Deuses várias cobras e serpes e bichos e pássaros e ervas e árvores e diferentes carântulas de pau e de pedra, e figuras impressas das coisas sobreditas, assim de pintura, como esculpidas em madeira e em seixo e em outra qualquer matéria. E não sòmente adoravam os animais vivos, mas também as próprias peles cheias de palha.

O acto de adoração se praticava em vários modos, todos endeçados à humildade, como seria: ajoelharem-se, deitarem-se por terra de bruços, cobrirem a face de pó, fazendo em palavras oração aos ídolos, e em actos oblações das melhores substâncias que possuísem. Tinham mais os seus feiticeiros, que davam a entender àquelas gentes ignorantes que os ídolos falavam, enganando-as; e, se alguém se lhes encomendava em suas enfermidades e sarava, diziam os feiticeiros haverem os ídolos obrado tal; e, se não, que estavam irados. Isto é em parte o que no tocante à religião se costumava entre os Moxicongos, antes de receberem a água do santo Baptismo e o conhecimento do Deus vivo.

Ora, havendo El-Rei amontado, em diferentes casas da Cidade, todas essas abomináveis imagens, ordenou que, para o mesmo sítio, cada qual levasse uma carga de lenha; e, tanto que o monte cresceu e se tornou grande, mandou lançar-lhe os ídolos e as figuras e todalas outras cousas, tidas entre aqueles povos, antes de então, por divinas, e largar-lhe o fogo, de jeito que arderam. Depois congregou todos aqueles povos e, em vez dos ídolos, que primeiro tinham em veneração, deu-lhes Cruzes e Imagens de Santos, trazidas pelos Portugueses, impondo a cada Senhor que fabricasse na Cidade do seu regimento uma Igreja e arvorasse Cruzes, como ele lhes dera exemplo ⁽¹⁸⁾.

A partir daí, estabeleceram-se relações epistolares e missionárias sem interrupção entre o papado, o rei de Portugal e o Manicongo, que usou, durante mais de um século, um nome cristão:

Carta de obediência do rei do Manicongo ao papa.

Santíssimo e Bem-aventurado Pai em Jesus Cristo, Nosso Senhor Júlio II pela divina Providência, Soberano Pontífice, o vosso mui humilde filho Dom Afonso pela graça de Deus rei do Manicongo e senhor das Ambudas manda beijar os vossos sagrados pés com grande humildade. Cremos, Bem-aventurado Pai, que Vossa Santidade já soube a forma como João II, rei de Portugal

⁽¹⁸⁾ Filippo Pigafetta e Duarte Lopez, *Relação do Reino de Congo e das Serras Circunvizinhas*, Agência Geral do Ultramar, cap. II e III, Lisboa 1951, extractos.

e em seguida o rei católico Dom Manuel, seu sucessor, enviaram para o nosso país, à custa de grandes despesas, cuidados e penas, religiosos que, graças à sua doutrina, nos desviaram do culto dos ídolos, e nos libertaram de tão grande cativo. De como abraçamos a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, recebendo as Santas Águas do Baptismo, que nos lavaram e limpavam da lepra e nos libertaram dos erros dos gentios que até agora eram também os nossos, expulsando de nós todos os abusos de Satã e os seus erros. Pois recebemos miraculosamente com todo o nosso coração a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo e após termos sido instruídos nela, soubemos que era costume dos reis cristãos enviar os seus protestos de submissão e obediência a Vossa Senhoria, enquanto autêntico vigário de Jesus Cristo e pastor das suas ovelhas; desejamos, porque o consideramos razoável, imitá-los num costume tão divino e tão sagrado, uma vez que Deus, misericordioso e todo-poderoso, decidiu unir-nos na mesma fé; enviamos a Vossa Santidade os nossos Embaixadores protestar junto de vós a obediência que vos é devida, tal como é uso dos príncipes cristãos. Um desses Embaixadores é o nosso querido e bem amado filho Dom Henrique que o Rei Dom Manuel, nosso amado irmão, mandou instruir nos seus estados, tanto na Sagrada Escritura, como nas coisas respeitantes à fé católica: o outro é Dom Pedro de Sofa, nosso bem amado primo, que, além da obediência que deve apresentar da nossa parte, é portador de algumas instruções particulares para comunicar a Vossa Santidade, as quais suplicamos humildemente vos dignais ouvir e receber, conferindo-lhes todo o crédito, como se fôssemos nós que as proferissemos diante de Vossa Santidade, que Deus se digne, pela sua misericórdia, conservar ao seu serviço. Escrita na cidade de Manicongo, no ano de 1512 da Natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo⁽¹⁹⁾.

O filho de D. Afonso, D. Henrique, educado em Portugal, é, em 1520, o primeiro bispo negro conhecido; efectivamente, foi criado um bispado na ilha de São Tomé, em 1534, e depois em S. Salvador, capital do reino, em 1596, na sequência do extraordinário relatório feito pelo ousado negociante Duarte Lopes, depois do seu regresso do Congo, onde permanecera quatro anos na corte do rei Álvaro I, de quem foi embaixador extraordinário junto do papa.

Mas tudo isto continuava a ser demasiado superficial; o cristianismo surgia aos olhos dos soberanos

⁽¹⁹⁾ Citada por Luys de Marmol Carvajal, *Descrição Geral da Africa*, Granada, 1573-1589, liv. I, cap. 39, pp. 109-110.

negros como uma magia suplementar, por culpa dos próprios missionários que apresentavam as coisas com uma simplicidade exagerada; a prática era mais difícil que a conversão; e o abandono da poligamia secular estava fora de questão. A resistência, surda ou declarada, dos feiticeiros, repelidos pelo clero estrangeiro, mas que gozavam da confiança ou despertavam o receio das populações, em breve se sobrepôs à nova religião.

A Etiópia do Preste João

O reino cristão do Congo, longínquo, de clima pouco saudável e quase desconhecido, não resistiu ao desenvolvimento do comércio que, uma vez transformado no único objectivo da actividade portuguesa, em breve o destruiu; os Portugueses acalentavam, sem dúvida, o sonho de estabelecer a ligação entre o Congo e a Etiópia; mas depressa renunciaram a criar na costa ocidental da África, um estado tão rico como o misterioso império cristão do Preste João, onde chegou, através do Egipto, no princípio do século XVI, o seu compatriota Covilhã, que nunca mais regressou.

Ora, devendo de fazer menção do Império do Preste João, que é o maior e mais rico Príncipe, que se encontra em toda a África, digamos, resumidamente, que o seu estado se compreende agora desde as fozes do Mar Roxo até à Ilha de Siene, que está sob o Trópico de Cancro, exceptuadas as costas do dito mar, as quais, de 50 anos a cá, ele perdeu por negligência, havendo-lhas tirado o Turco. Pelo que a demarcação do seu estado, pela banda do Nordeste e do Levante, é a maior parte do Mar Roxo; e ao Norte, o Egipto e os desertos de Núbia; e no Austro, o Moenhemuge; de modo que, assim computando em grosso, pode ter de circuito o Império deste Rei Cristão obra de 4000 milhas. A cidade principal, onde mais se demora e assiste a Corte, chama-se Babelmaleque; e domina muitas províncias que têm Rei; e o estado é rico e abundante de ouro e de prata e de pedras preciosas e de toda sorte de metal. A gente é de desvairadas cores, branca, preta e intermédia, de boa estatura e de bom parecer. Os cortesãos e Senhores trajam-se bem de panos de seda com ouro e pedraria; há uma lei no vestir entre os graus de homens, porquanto acham-se alguns povos aos quais não é permitido vestirem-se de outra coisa senão de peles curtidas.